



JUNO



ALUNA DO OITAVO ANO
COLOCA-NOS UMA
QUESTÃO: CELULAR, SIM
OU NÃO!?

ARTE: ALUNOS
CONHECEM O
REALISMO DE
NORMAN ROCKWELL
E O INTERPRETAM!

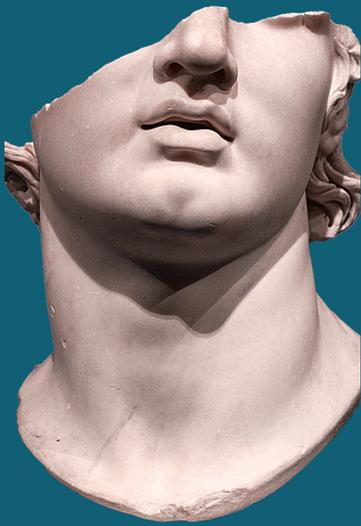
EM TRÂMITE



A vibrant tropical beach scene. The sky is a clear, bright blue. Several palm trees with lush green fronds are scattered across the frame, some leaning over the beach. The ocean is a deep blue with white waves crashing onto a sandy beach. The overall atmosphere is serene and peaceful.

SEJA
SILÊNCIO.
O UNIVERSO OUVE.

FORTALEZA | CEARÁ | BRASIL



EXPEDIENTE

ENDEREÇO:

EMEF EDWARD TEIXEIRA
FÉRRER
R. DOM PEDRO II, 1643 -
FRANCISCANOS, JUAZEIRO
DO NORTE - CE, 63020-030

CONTATO

TEL: (88) 9.8871-1275

E-MAIL:

CONTATOREVISTAJUNO@P
ORTALEE.COM.BR

EDITORES RESPONSÁVEIS:

RODRIGO NÓBREGA
MARTINS

EDITORES ASSISTENTES:

9º ANO "A" - EMEF EDWARD
TEIXEIRA FÉRRER
8º ANO "D" - EMEF EDWARD
TEIXEIRA FÉRRER
8.º ANO "E" - EMEF EDWARD
TEIXEIRA FÉRRER

APOIO TÉCNICO:

RODRIGO NÓBREGA
MARTINS.

SUMÁRIO

REVISTA JUNO

EDITORIAL

Releituras: visão de cada um sobre a mesma obra 04
Rodrigo Nóbrega Martins

NARRAÇÃO E SUAS TIPOLOGIAS

O menino fugitivo 07
Pietra Sabryne Silva Moraes

O guarda e o menino 11
Myrla Suyane dos Santos Alves

Um susto muito grande 14
Letícia Sued Costa da Silva

A briga de minhas vizinhas 17
Marjorie Heloísa Cabral Santos

Aconteceu na minha escola 18
Maria Beatriz Sousa dos Santos

PALAVRA DOCENTE

Literatura de informação no Brasil 19
Rodrigo Nóbrega Martins



EDITORIAL

RELEITURAS: A VISÃO DE CADA UM SOBRE UMA MESMA IMAGEM

Rodrigo Nóbrega Martins

A presente edição traz à tona os textos dos alunos do oitavo ano da EMEF EDWARD TEIXEIRA FÉRRER e vem recheada de assuntos interessantes. Todos eles publicam pela primeira vez na revista Juno.

Abrindo a edição nós apresentamos as releituras narrativas de “O fugitivo”, do pintor estadunidense Norman Rockwell. Trabalhar com releituras narrativas tem sido para nós uma forma incentivar os alunos a escreverem sobre os mais variados temas. E eles o fazem com propriedade.

É o que nos mostra Pietra Sabine. Em sua curta narrativa, ela aborda um tema interessante, polêmico e grave: pais que trabalham ambos fora de casa, e que por isso deixam os filhos em desatenção.

Em outra narrativa, fruto da releitura da mesma obra, Mirla Suyane nos fala sobre sub-trabalho infantil e as consequências que tal prática pode nos trazer a todos, a toda sociedade.

Letícia Sued também nos traz um tema polêmico: em sua narrativa ela nos fala de uma estudante que, após ganhar um telefone celular, no dia de seu aniversário, começa gradativamente a abandonar seus estudos e suas atividades em seu lar. Para resolver a problemática, Letícia propõe uma solução inusitada, mas que tem o diferencial de não punir a dona do celular. O tema é polêmico e importante. Diversos são os segmentos científicos que têm se debruçado na relação que os jovens estabelecem com as tecnologias da informação na era atual. Tanto assim que o conselho editorial achou por bem ilustrar a capa dessa edição com o assunto.

Em “Aconteceu na minha escola”, texto de autoria da Maria Beatriz, o assunto é a situação familiar que se reflete no ambiente escolar. Trata-se de um estudante que apresenta um comportamento arredo devido a uma situação extremamente dolorosa vivida em sua casa.

Mudando de assunto, tivemos o prazer de viajar até a Irlanda do Norte e a República da Irlanda onde pudemos falar sobre o projeto do qual faz parte a REVISTA JUNO.

Foi uma rica experiência. Nossos agradecimentos aos envolvidos nesta grandiosa empreitada.

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida: viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

Gonçalves Dias, poeta brasileiro.



Gostaríamos, por fim, mais uma vez, de agradecer ao apoio recebido. Neste comenos, seguem nossos agradecimentos à professora e Secretária de Educação de Juazeiro do Norte, Maria Loreto de Lima e toda sua equipe, que tem nos apoiado em todas as circunstâncias.

Mas os agradecimentos são extensivos a todos que dum ou doutro modo ajudam a continuidade do presente projeto.

A despeito do que muitos podem pensar, muito temos aprendido com esses pequenos amigos com os quais nos encontramos todos os dias em sala de aula, e que chamamos, desmerecidamente, de alunos.

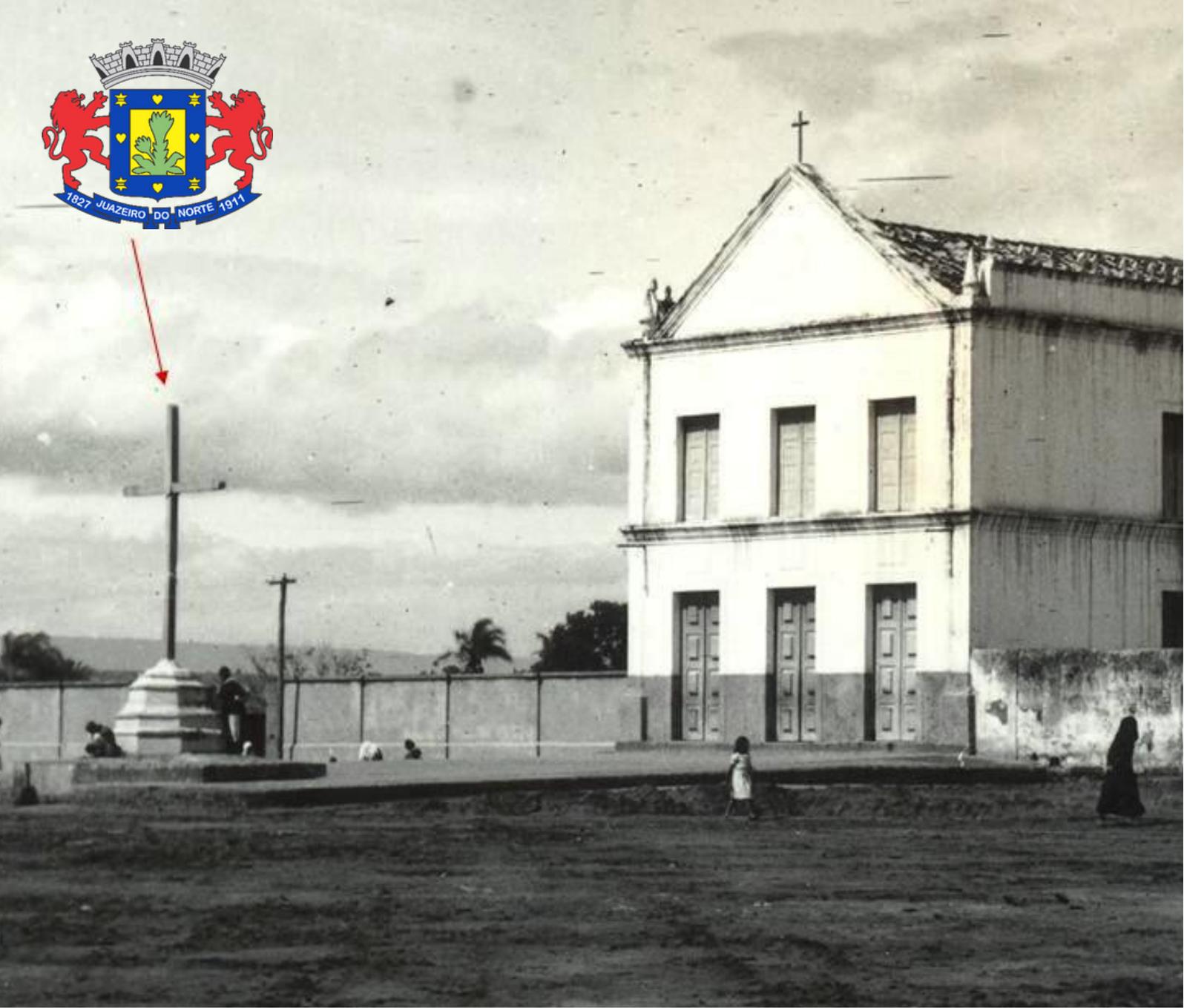
Boa leitura. Os editores.

A DEUSA JUNO

Na mitologia romana, Juno é a esposa de Júpiter e rainha dos deuses. É representada pelo pavão, sua ave favorita. Íris era sua servente e mensageira. Sua equivalente na mitologia grega é Hera.

Mas o que nos levou a batizar a revista com este nome foi o fato de que, por ser uma personagem do mundo romano, onde se falava o latim, a figura da deusa também é uma forte referência à língua portuguesa. Além disso, o nome apresenta as sílabas iniciais de nossa cidade, Juazeiro do Norte.

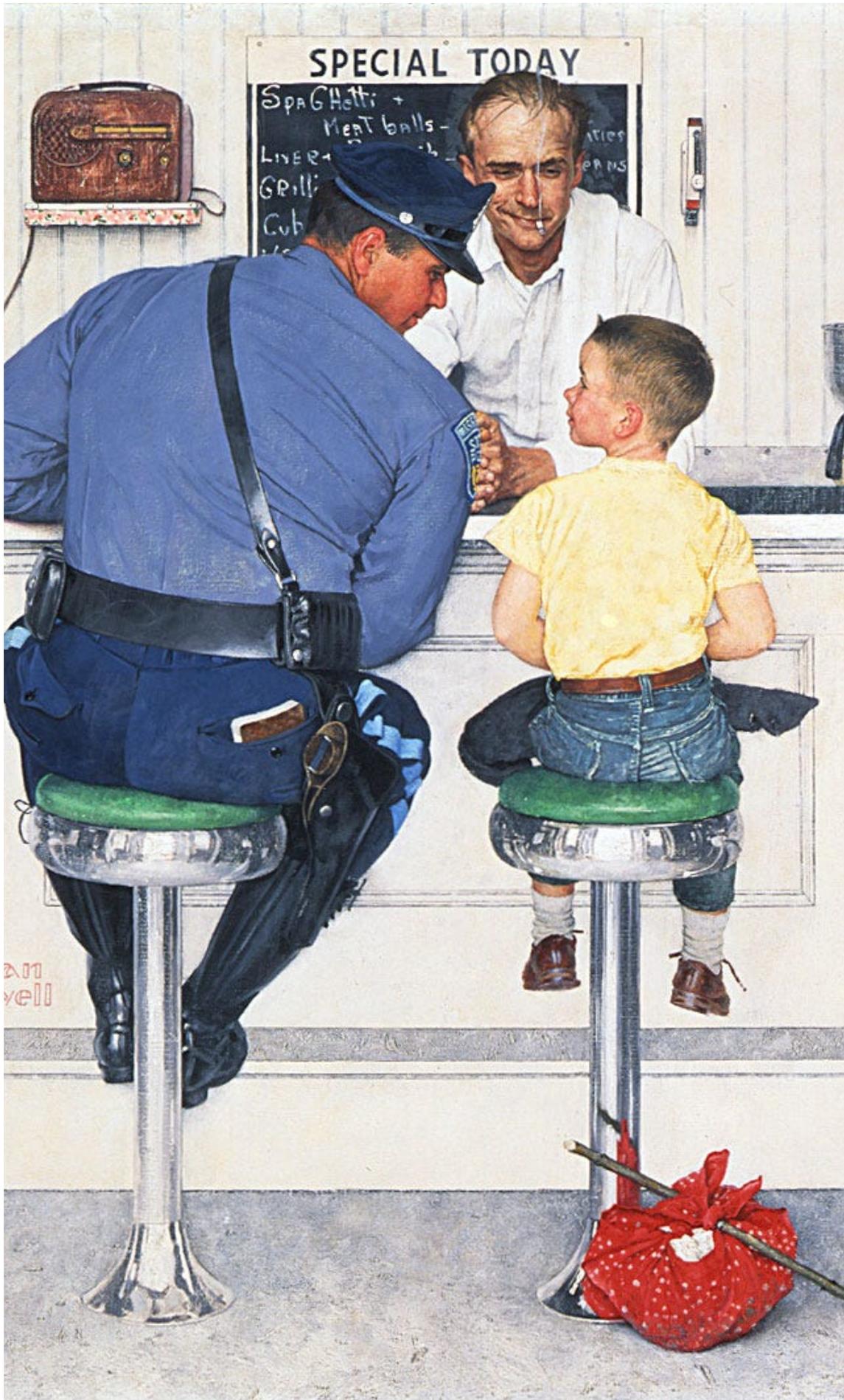
Indo além, o sexto mês do ano, junho tem esse nome em sua homenagem. Quando as colheitas do mês de maio eram fartas, em junho aconteciam festas em homenagem à deusa. Daí decorrem as festas juninas. Nada mais nordestino...



A história de Juazeiro do Norte contém imprecisões cronológicas. Vez por outra alguns fatos são elucidados. Recentemente, graças à publicação das memórias do cel. Fausto da Costa Guimarães, amigo do Padre Cícero, foi possível revelar a data da inauguração do Cruzeiro que fica no adro da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, (Capela do Socorro). Segundo consta no livro do autor sobredito, a inauguração do Cruzeiro aconteceu no dia 18 de agosto de 1909. Sendo assim, isto ocorreu depois que a capela foi construída (1908).

EEF EDVARD TEIXEIRA FÉRRER

Nós acreditamos em uma educação pública
de qualidade. E você?



O MENINO E O POLICIAL

Pietra Sabryne Silva Moraes, oitavo ano.

Como todas as manhãs, abri minha padaria. Comecei a atender os clientes, que chegavam para aquecerem-se do frio antes de engajarem-se no trabalho. Não era normal, neste horário, aparecerem crianças. Mas nesse dia foi diferente. Foram chegando os primeiros compradores e junto deles um menino. Pouco depois um guarda sentou-se. Como a maioria, o policial pediu um café.

N O R M A N

ROCKWELL

Eu trouxe a xícara à autoridade, que começou a beber devagar, com satisfação. O menino olhava-o silencioso, tímido, resignado. Devia estar com fome, pensei. Aproximei-me dele curioso de saber o que aquela criança fazia ali. Perguntei o que ele estava fazendo na rua tão cedo. Ele nada falou. Baixou os olhinhos assustados.

Ofereci-lhe café com leite. Sem me olhar, ele pegou a xícara. Começou a beber em silêncio, primeiro devagar, depois rápido, de uma vez. Passados alguns minutos, começou a contar porque estava ali.

De modo simples, com dificuldade, contou que seus pais não tinham tempo para ele. Só se ocupavam do trabalho. Ficava sozinho, em casa sempre que chegava da escola; ele, o garoto, não tinha que fazer em uma casa vazia de segunda a sexta. Sentia saudade de falar, de conversar, de brincar. Sentia saudade dos amigos da escola; saudade de jogar futebol. Por isso saía de casa. Queria ir a busca dos amigos, mas não os achava e agora, voltando para casa, temia apanhar do pai.

Falamos que não era certo fugir e o levamos de volta para casa. Seus pais, certamente, ficariam preocupados. Afinal, de contas, a rua era perigosa. Poderia acontecer algo a ele. Enfim, era melhor que voltasse para a sua família. Que tentasse conversar com seus pais para resolver a situação.

O guarda se ofereceu para levá-lo até sua residência e ter a certeza de que ele chegaria bem. Deixei minha companheira tomando conta da padaria. Fui com eles. Não sei bem explicar por que, mas precisava ver como seria o desfecho daquele caso.

Chegando lá encontramos os pais desesperados. O guarda explicou o que realmente tinha acontecido: que ele tinha fugido porque seus pais não lhe davam atenção. Os pais prometeram ao garoto que iriam conversar; que dariam mais atenção; que queriam brincar com ele. Depois disso, parece que tudo ficou bem.

Voltamos, eu e o guarda. Calados, lado a lado, ele com seus pensamentos e eu com os meus. Na verdade eu pensava em milhares de outros lares na mesma situação...

Ainda passamos por três ou quatro meninos em situação de rua, certamente sem a atenção dos pais...

A correria dos dias me fez esquecer do acontecido. Trabalho muito, todos os dias e embora houvesse prometido a mim mesmo fazer uma visita àquele rapazinho, a ideia fugiu-me de todo da mente.

Chegou o sábado e o movimento era sempre maior na padaria. Trabalhei muito e estava cansado. Devia ser umas quatro horas da tarde quando vi passar o menininho com seu pai. Trajavam-se como jogadores de futebol. Iam brincar, iam jogar bola. Sorri e lembrei do meu filho, adulto, distante, vivendo em outra cidade. Ah, se eu pudesse voltar no tempo... Iria jogar futebol e tomar sorvete.

Coisas da vida, coisas que o tempo leva...



Pintor e ilustrador estadunidense, muito popular, especialmente em razão das 323 capas da revista The Saturday Evening Post que realizou durante mais de quatro décadas, e das ilustrações de cenas da vida estadunidense nas pequenas cidades.

Pintou os retratos de alguns presidentes, assim como os de outras figuras mundiais, tais como Gamal Abdel Nasser e Jawaharlal Nehru. Um de seus últimos trabalhos foi o retrato da cantora Judy Garland, em 1969.

Suas obras são famosas pela meticulosidade e exatidão de traços e cores, capacidade desenvolvida devido a sua timidez. Tinha os pés tortos e, quieto no seu canto, passou a observar e desenhar os colegas de escola. Dizia Rockwell que "cada um tem seu talento e o meu é desenhar". Quando morreu, em novembro de 1978, aos 84 anos, milhares de pessoas compareceram ao seu sepultamento. Muitas delas haviam tido seus rostos imortalizados pela maestria de Norman Rockwell.

Norman Rockwell



Consulta feita por José Arthur Lima e Silva, oitavo ano.



*The Problem We All Live With, 1964. 91cm x 150cm.
Óleo sobre tela.*

Ruby Nell Bridges Hall é uma ativista estadunidense conhecida por ser a primeira criança negra a estudar em uma escola primária para brancos, em Louisiana, durante o século XX. Ela frequentou a Escola Elementar William Frantz.

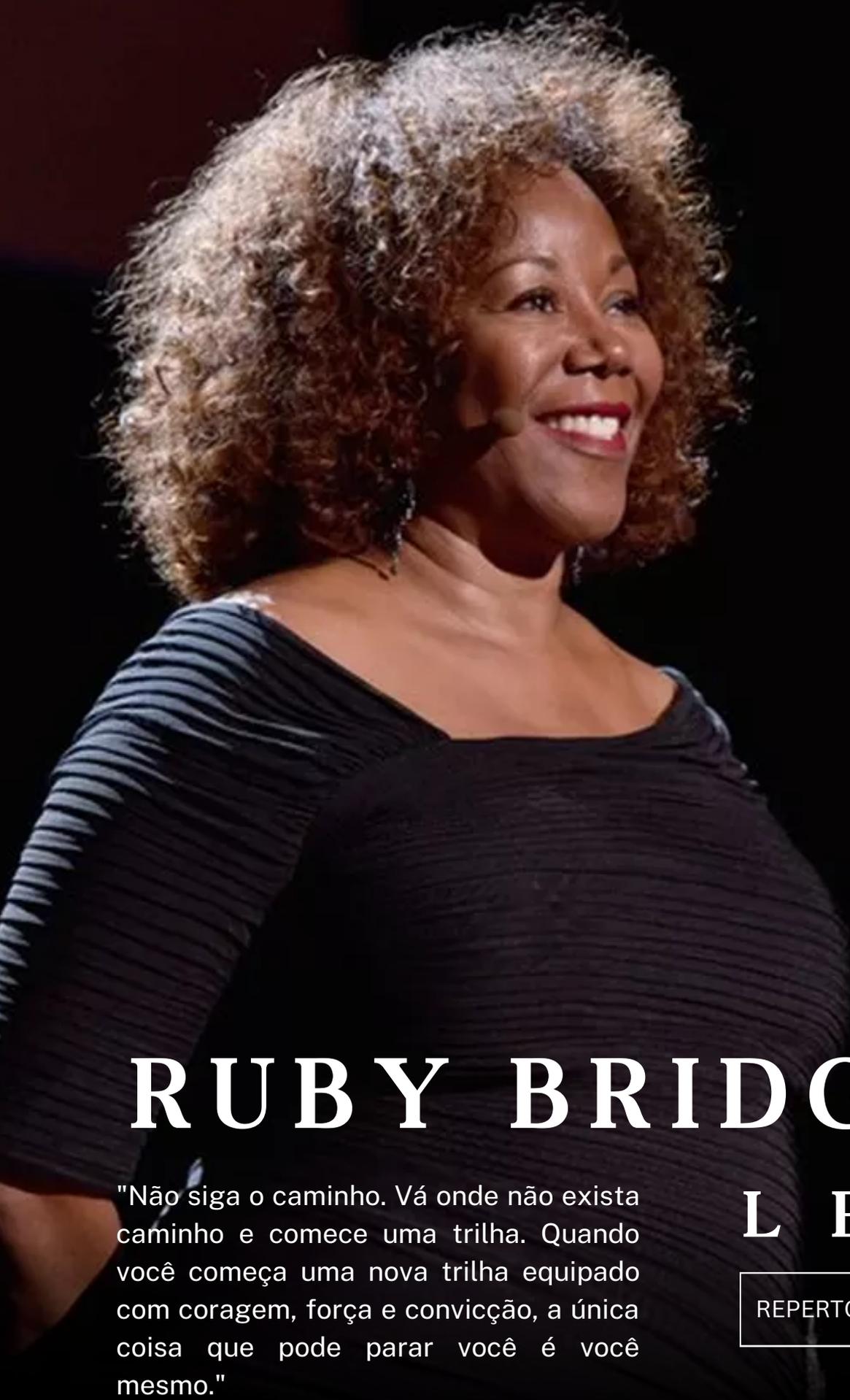
O trabalho de Rockwell tornou-se mais político com a idade. Em 1964, ele pintou "O Problema com o Qual Todos Vivemos", da estudante negra Ruby Bridges sendo escoltada por fiscais dos Estados Unidos por conta de abuso racial. Quando presidente, Barack Obama mandou instalar a pintura na Casa Branca.

Fonte:
<https://artsandculture.google.com/story/qwVR42MbHtf0mg>



LEERS

LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL



RUBY BRIDGES

"Não siga o caminho. Vá onde não exista caminho e comece uma trilha. Quando você começa uma nova trilha equipado com coragem, força e convicção, a única coisa que pode parar você é você mesmo."

LEERS

REPERTÓRIO CULTURAL



MYRLA SUYANE DOS SANTOS ALVES, OITAVO ANO.

O GUARDA E O MENINO

Já era nosso conhecido o menino que vendia balas no semáforo. Sempre magrinho, pés no chão, sem camisa, sujo. Muitas vezes rejeitado, ignorado, tratado com indiferença. No final de certo dia, quando voltou para casa encontrou o pai batendo na mãe. Isso, vez por outra acontecia. O pai chegava bêbado, a agredia, mas a mãe, apesar de ameaçar fazer uma denúncia, nada fazia. Em uma destas ocasiões, o menino tentou impedir e levou um tapa que muito o machucou. Atordoado com a violência, saiu correndo para não apanhar mais...

A sequência do dia e o descontrole covarde do pai tornava a violência sempre maior. Mãe e filho suportavam uma vida infernal. Cerca de um ano após a primeira agressão, a mãe dele foi encontrada morta dentro de casa. O pai a matou e fugiu. O menino, depois de passar pelo Conselho Tutelar, foi morar com a vó, na esquina da mesma rua.

Um ano passou. Depois outro e mais outro. O menino crescia pouco porque comia mal. Continuava vendendo balas no sinal. De certa feita, um guarda que sempre estava por ali perguntou se ele estava com fome. O menino disse que sim.

Então o gentil guarda levou o menino a uma padaria já ali na esquina. Enquanto ele comia, o guarda e o balconista faziam-lhe perguntas: onde morava, com quem morava, por que não estudava ao invés de ficar no semáforo... Coisas assim...

Então ele explicou tudo o que aconteceu com sua mãe no passado. Contou com detalhes as violências sofridas ao longo de tantos anos. Comovido, o guarda perguntou se aquele menino queria morar com ele; estudar, brincar, enfim, levar uma vida de criança. O menino não aceitou, afinal, morava com a vó, amava-a e lá, ainda que precariamente, tinha o básico.

Mas o guarda sentiu de forma profunda aquele testemunho. Tocado que ficou, o apadrinhou. Desde então, o jovem rapaz deixou o trabalho no semáforo. Passou a estudar e, graças à ajuda do guarda, aquele menino tão marcado pela violência pode experimentar uma vida mais suave...

Essa estória é uma exceção. Essa estória é um exemplo, mas existem muitas crianças com histórias de vida assim e ainda muito pior que não têm nenhum apoio.

Todos os habitantes do mundo, especialmente todos os adultos - ou a maioria deles - deveriam ser solidários com as crianças de rua ou na rua. Se não tiver condições de criá-la podiam, pelo menos, oferecer algum tipo de ajuda, de auxílio. Se cada um fizesse um pouquinho, os muitos pouquinhos somados virariam algo significativo.

O que falta para que a sociedade resolva muitos graves problemas não é dinheiro. É boa vontade e empatia.

Norman Rockwell

OBRA DE ARTE VAI PARA A CASA BRANCA



O presidente Barack Obama, Ruby Bridges e representantes do Norman Rockwell Museum olhando "The Problem We All Live With" de Rockwell, pendurado em um corredor da ala oeste perto do Salão Oval, em 15 de julho de 2011. Ruby Bridges é a garota na pintura. (Foto oficial da Casa Branca por Pete Souza).



A pequena Ruby Bridges sendo escoltada por oficiais em direção à escola. Tempos difíceis de severa segregação racial.

Em junho de 2011, na Casa Branca, a obra acima (será melhor explicada abaixo) - que representa uma famosa cena de desagregação escolar em Nova Orleans - chamou a atenção pública após receber o apoio do Presidente Obama.

A exposição da peça de Rockwell na Casa Branca, que ocorreu na maior parte de 2011, chamou a atenção nacional para um momento icônico na conturbada história dos direitos civis dos Estados Unidos.

A pintura de Rockwell concentra-se em um episódio histórico de integração escolar de 1960, quando Ruby Bridges, de seis anos, teve que ser escoltada por oficiais federais para garantir sua inscrição na Escola William Frantz, em Nova Orleans.

Ruby foi a primeira criança afro-americana a se matricular na escola. A comunidade branca local - como visto na imagem a cima - era ferozmente a favor da separação entre brancos e negros na escola.

A exibição de Rockwell se concentra na menina em seu vestido branco imaculado, carregando sua régua e caderno, enquanto os quatro oficiais americanos à escoltam. A pintura também capta parte do desprezo daqueles tempos com a pichação racial rabiscada na parede e o respingo vermelho de um tomate jogado recentemente.

A obra apareceu pela primeira vez em um ampla publicidade em janeiro de 1964, quando foi publicado como uma ilustração de página dupla da revista Look. A pintura foi exibida como uma ilustração sem título no meio da reportagem da Look sobre como os americanos vivem, descrevendo suas casas e comunidades.



ELZA SOARES

Campanha criada por Cícero Ricardo Xavier Nunes, do oitavo ano.

**"A CARNE MAIS
BARATA DO MERCADO
É A CARNE NEGRA."**

Elza Soares, nome artístico de Elza Gomes da Conceição, foi uma cantora, compositora musical e puxadora de samba-enredo brasileira, que flertou com vários gêneros musicais como samba, jazz, samba-jazz, sambalanço, bossa nova, mpb, soul, rock e música eletrônica.

Ao longo de pouco mais de 60 anos de carreira, Elza teve inúmeras músicas no topo das listas de sucesso no Brasil; alguns dos maiores sucessos incluem: "Se Acaso Você Chegasse" (1960), "Boato" (1961), "Só Danço Samba" (1963) e "Aquarela Brasileira" (1974).

Em 1999, foi eleita pela Rádio BBC de Londres como a cantora brasileira do milênio. A escolha teve origem no projeto *The Millennium Concerts*, da rádio inglesa, criado para comemorar a chegada do ano 2000. Além disso, Soares aparece na 16ª posição da lista das 100 maiores vozes da música brasileira elaborada pela revista *Rolling Stone Brasil*.



LETÍCIA SUED COSTA DA SILVA

UM SUSTO MUITO GRANDE



Em uma casa pequena de família humilde, havia uma garota bem dedicada aos estudos, muito esforçada mesmo e que também ajudava bastante a sua mãe nas tarefas domésticas. Ela estava no início de suas adolescência: tinha 14 anos e mal esperava por completar seus 15, data importante para muitas meninas. Seu aniversário seria daqui a dois meses e sua mãe estava trabalhando muito para fazer sua festa. Certo dia, porém, a menina chegou para sua mãe e falou que não queria festa nenhuma e sim um celular.

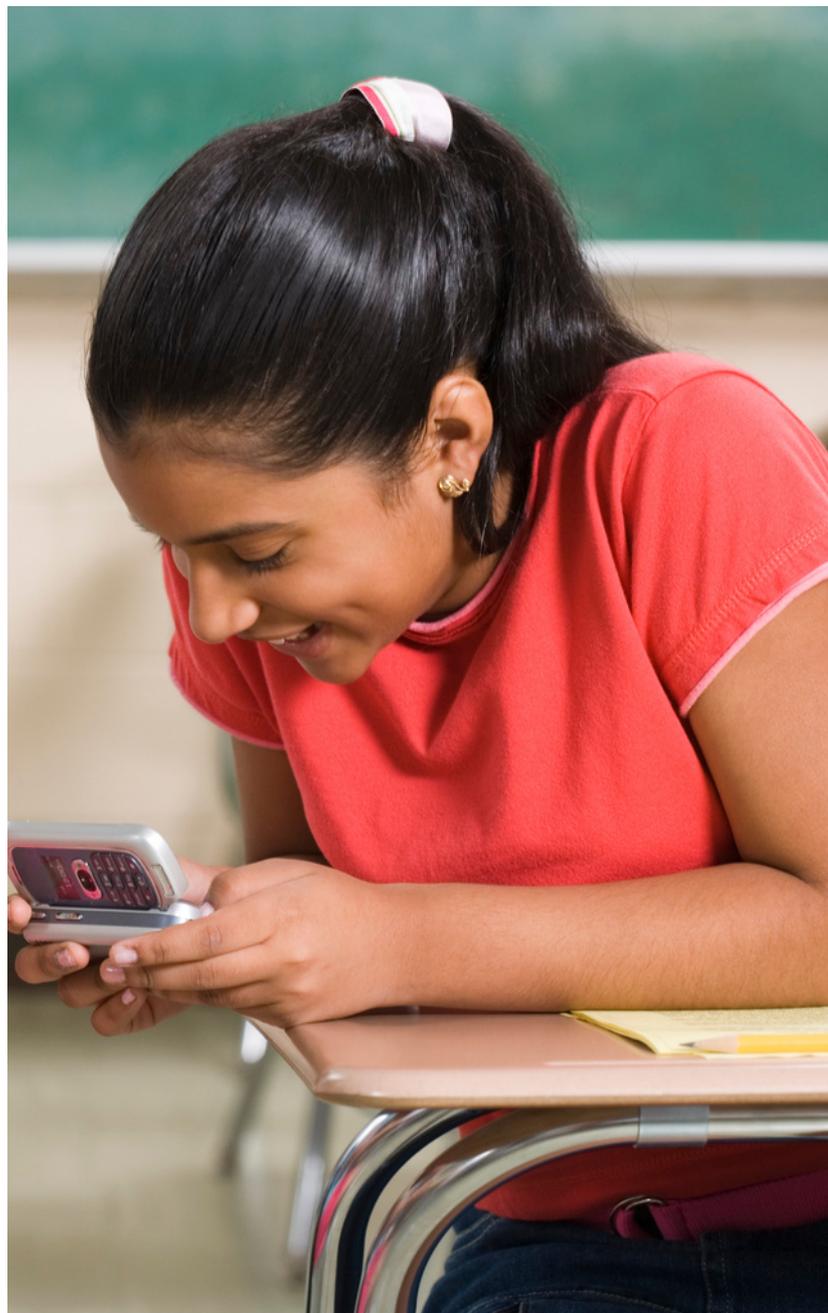
A mãe ficou preocupada, com medo de que se desse o aparelho telefônico para a filha ela pudesse parar de ajudar em casa, deixa estudar, desinteressando-se pelo que é realmente importante na vida. Elas ainda conversaram sobre isso algumas vezes. Mas como era seu sonho, a mãe achou razoável e resolveu comprar o tão desejado telefone nas mais suaves prestações...

A filha estava ansiosa para que o tão esperado momento chegasse. E chegou. No dia de seus anos, sua mãe foi acordá-la desejando-lhe parabéns e entregando-lhe o presente. A filha, quase sem palavras que expressassem sua alegria, agradeceu bastante. A mãe ficou muito feliz, e por fim achou que o presente tinha sido uma boa escolha.

Passando algum tempo, a menina deixou de ajudar em casa. Ficou desleixada com suas obrigações. Mas até aí, a mãe entendeu. Afinal, ela estava empolgada com o presente. Com o tempo – pensava a mãe – a menina voltaria às suas tarefas.

"A EDUCAÇÃO É A ARMA MAIS PODEROSA QUE VOCÊ PODE USAR PARA MUDAR O MUNDO."

NELSON MANDELA



Mas quando a mãe passou a receber algumas ligações da escola nas quais professores perguntavam o motivo repentino do desinteresse da menina, entendeu que era hora de agir...

Decepcionada, mas determinada, a mãe planejou com os colegas de sala da menina, que a deixassem distraída na escola enquanto outros colegas pegavam o celular dela. Deu certo e a mãe guardou o celular. A filha ficou muito preocupada, procurando em todos os lugares, mas sem encontrar.

Sem ter o aparelho para chamar sua atenção, a filha tristemente, devagar, retomou suas atividades. Um dia a mãe foi ao quarto da garota e a encontrou chorando. A mãe a acalmou e foi ensinando-lhe a rica lição. Depois da conversa, a mãe decidiu que era hora de devolver o celular.

Desde então a menina voltou a interagir com os colegas como também voltou a ajudar em casa, dizendo para sua mãe que havia aprendido a lição. Daí por diante seu comportamento mudou completamente, deixando o celular para os momentos vagos. Nada como uma bela lição para nos ensinar como funciona a vida...

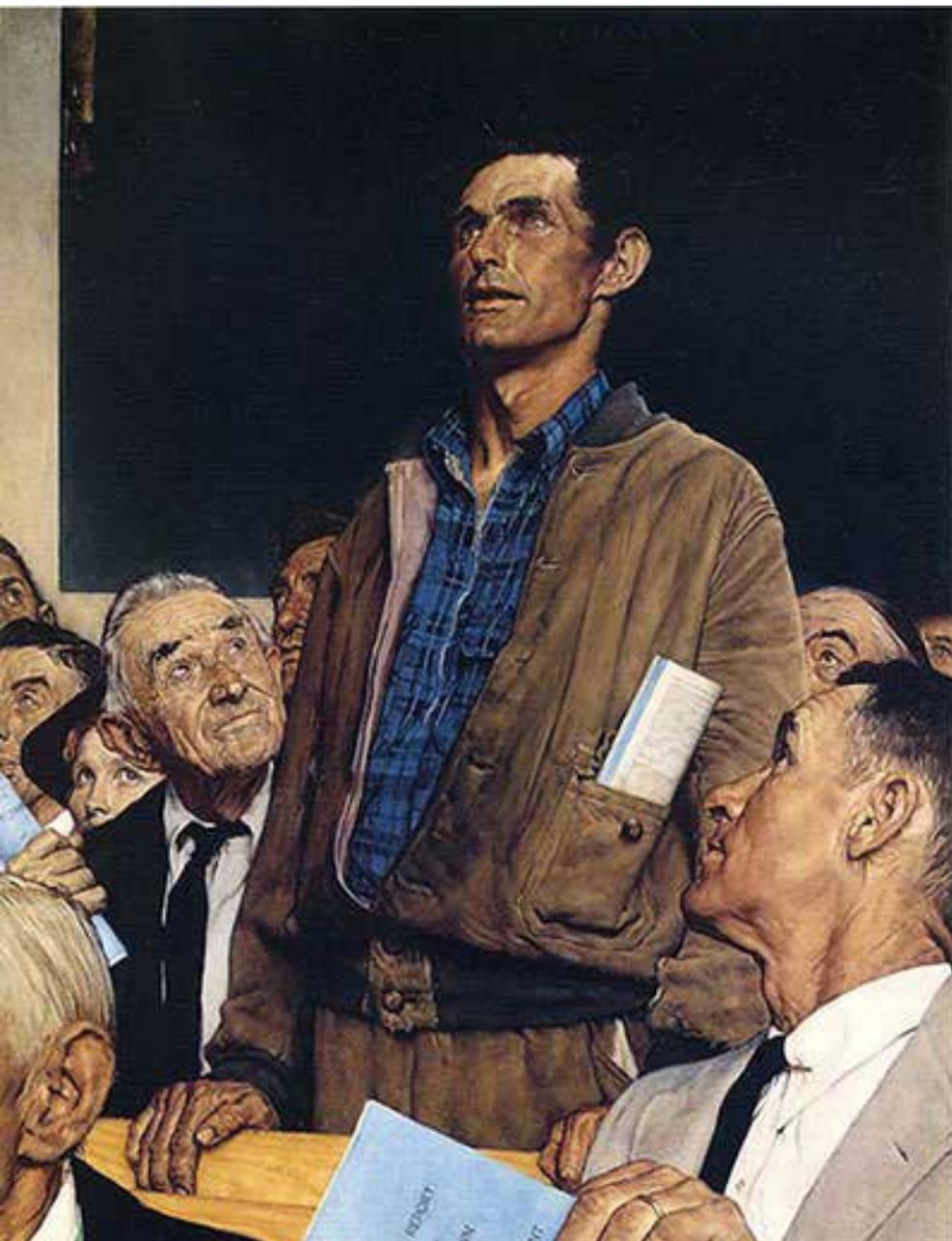
Apesar do uso de internet estar presente na vida crianças e adolescentes, a 8ª edição da pesquisa TIC Educação mostra que apenas 7% dos alunos têm permissão para se conectar pelo celular em sala de aula. Os resultados do levantamento foram divulgados nesta quarta-feira (22) pelo Cetic.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil) e trazem um panorama sobre o uso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação no ensino fundamental e médio. Realizada entre agosto e dezembro de 2017, a pesquisa avaliou 957 escolas urbanas públicas (exceto federais) e privadas. Nesta edição, foram incluídos ainda dados de escolas rurais a partir de 1.481 entrevistas, com diretores ou responsáveis por instituições de ensino públicas (exceto federais) e privadas, de diferentes modalidades de ensino.

fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/12441/conectividade-e-cultura-escolar-sao-barreiras-para-uso-de-celular-em-sala-de-aula>

NORMAN ROCKWELL

DIREITOS CIVIS EM TELA

Consulta realizada por Letícia Sued Costa da Silva.



"Liberdade de expressão", de Norman Rockwell. Óleo sobre tela. 116,2 × 90 cm. A obra descreve uma cena de uma reunião local em que Jim Edgerton, o dissidente solitário dos conselheiros municipais, anuncia planos sobre a construção de uma nova escola, já que um incêndio havia destruído a antiga. Tela escolhida pela estudante Letícia Sued.

"Freedom of Speech" é a primeira de uma série de quatro pinturas a óleo de Norman Rockwell intitulada "Quatro Liberdades".

Foi inspirada no discurso homônimo do presidente Franklin Delano Roosevelt, entregue em 6 de janeiro de 1941 ao Congresso dos Estados Unidos. Das quatro metas propostas, apenas as liberdades de expressão e religiosa foram incluídas na Constituição dos Estados Unidos. O tema das Quatro Liberdades acabou sendo incorporado à Carta do Atlântico, acordo estabelecido entre os EUA e o Reino Unido em 1941.

Posteriormente também se tornou parte da Carta das Nações Unidas. A série foi impressa no *The Saturday Evening Post*, acompanhada por ensaios de escritores notáveis em quatro semanas consecutivas no início de 1943.

EEF DR. EDVARD TEIXEIRA FÉRRER

A BRIGA DE MINHAS VIZINHAS

CLARA ISABELY BEZERRA DE SÁ

Aconteceu na minha rua uma briga entre as minhas vizinhas. Bom, o caso foi assim: elas brigaram feio e o motivo era o marido de uma delas. O cara, casado, vivia dando em cima da outra vizinha.

No começo até que elas se davam bem. Eram amigas ou algo assim. Paula, que era o nome da esposa estava sendo traída e já desconfiava porque um certo dia viu os dois (seu marido e a outra vizinha) conversando bem coladinhos, demonstrando para quem quisesse ver que eles tinham bastante intimidade...

Logo se viu que a coisa não ia ficar boa. Certo dia elas começaram a discutir, mas não passaram disso. Algumas semanas correram e o marido de Paula estava cada vez mais estranho com ela. Certo dia, Paula foi para o trabalho. Quando chegou a sua casa os dois - seu marido e a vizinha - se beijavam. Foi o que precisava para a confusão acontecer!

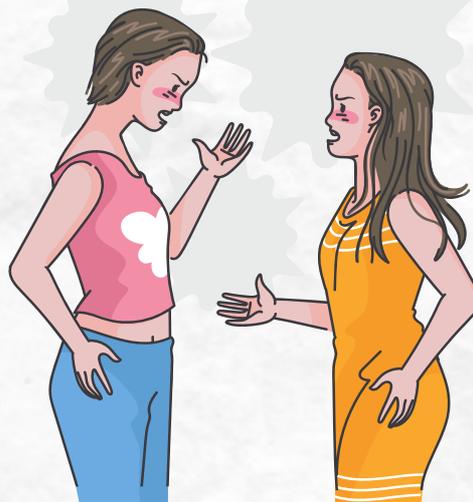
Começou a briga. Um verdadeiro barraco: vários empurrões, agressões, xingamentos: "filha disso, filho daquilo! Vá para aquele lugar! Vá você!"; ameaças, dedos na cara, puxões de cabelo e por aí a fora...

E só no final Paula percebeu que o marido estava defendendo a amante e debochando dela. Paula, que era sua esposa, enfrentava o próprio marido e a outra na briga. Logo chegaram outras pessoas (a turma do deixou-disso) e separaram tudo.

Os traidores juntaram-se, claro...

Paula se mudou daquela casa e por muito tempo não aguentava ver os dois juntos. Seu coração estava partido, sofrendo por aquele embuste e tentando reconstruir sua vida ainda magoada.

Não sei se o marido dela não prestava mesmo e se fazia outras coisas na rua sem que ela soubesse, mas moral da história: não devemos confiar em pessoas que dizem ser nossas amigas já no primeiro momento em que conhecemos, pois, a falsidade, a mentira e a violência andam soltas. Pense nisso!



A DIFÍCIL SITUAÇÃO DA MULHER

NATHALY MACEDO

O caso da mineira que traiu o marido com seu melhor amigo deveria ser só mais um adultério a ser tratado entre quatro paredes, no mais íntimo da vida conjugal do casal, mas acabou viralizando na internet quando o marido traído filmou a cena e espalhou o vídeo nas redes sociais.

Na filmagem, ele – que flagrou a esposa saindo do motel com seu melhor amigo – agride a esposa enquanto um outro amigo filma a cena e incita a briga.

O que choca na situação não é a desnecessária publicidade de uma questão íntima: isso transformou-se em uma praxe mais natural do que deveria na internet. As pessoas deturpam a finalidade das redes sociais quando expõem-se desnecessariamente nas mais constrangedoras situações.

O que me deixou realmente estupefata na mais nova bizarrice das redes sociais é a naturalidade com que um homem, em pleno século XXI – quando as discussões sobre violência contra a mulher estão a todo o vapor – publiciza uma agressão física na rede sem nenhum tipo de represália.

O enfoque da viralização do vídeo não é a agressão pública – física e verbal – sofrida pela mulher, exposta e agredida em plena rede – mas a condenação moral pela traição – que, embora reprovável, não diz respeito a ninguém mais além dos envolvidos. A agressão, ao contrário, é recebida como natural, uma reação justa e proporcional ao adultério.

As pessoas estão tão preocupadas em julgar a vida íntima alheia que não se dão conta do quão absurdo é agredir uma mulher e levar isso a público sem medo das consequências.

Acaso um homem fosse flagrado saindo de um motel com a melhor amiga de sua esposa, este seria apenas mais um dia comum na internet. A indignação, caso houvesse, certamente se concentraria na amiga que “deu em cima de um homem comprometido”, ou na esposa omissa que foi traída porque “não dá conta de segurar um homem” – jamais na figura do pobre homem adúltero. Afinal, a carne é fraca e os ‘instintos masculinos’ justificam a traição. Triste! Inconcebível...

Fonte:

<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-que-podemos-aprender-sobre-traicao-e-violencia-com-o-caso-de-fabiola-por-nathali-macedo/>

Consulta: José Fernando Gonçalves Júnior, nono ano.



ACONTECEU NA MINHA ESCOLA

Maria Beatriz Sousa dos Santos, oitavo ano

Um belo dia, estava eu na escola e tocou para terceira aula. Era uma aula da qual nós gostávamos muito. Entrou o professor e começou uma aula de literatura contando uma história sobre como era a escola no tempo dele. Alguns acontecimentos bons e ruins pelos quais ele tinha passado.

A história que ele contou era sobre um garoto que era o valentão da escola. Zangava-se e até batia em todo mundo se não fizessem o que ele mandava. Mas havia um porém: ele fazia isso porque sofria espancamento de seu pai. Então ele achava que podia que fazer o mesmo com as outras pessoas.

Na minha escola o contexto era diferente: havia um menino muito solitário que não gostava de falar nem brincar com ninguém. Estava sempre sozinho e por qualquer coisa que lhe fizessem, por menor que fosse, chorava.

Alguns dias falávamos com ele e ele mal respondia. Então fomos o deixando de lado, mas não totalmente. De vez em quando ainda o convidávamos para alguma coisa, mas ele sempre recusava... A gente achava que ele estava fazendo isso para chamar atenção das pessoas, mas não tinha como saber...

O que acontecia é que ele passava por graves e sérios problemas na família dele e essas coisas realmente deixam a gente muito triste...

Então num belo dia de maio, chegou à escola a notícia de que a mãe dele tinha morrido. Tudo foi muito triste. Nós começamos a perceber que ele chorava porque sua mãe estava doente. Alguns de nossa turma foram perguntar e ficamos sabendo que a mãe dele sofria com um câncer no pulmão. Já estava desenganada pelos médicos desde o início do ano...

Depois de alguns meses do falecimento de sua mãe, percebemos que ele estava um pouco mais alegre e comunicativo...

Houve um dia em que ele surpreendeu a todos pedindo desculpa pelo mal jeito de antes. Nós o abraçamos. Respondemos que não tinha nada não... A gente entendia por que razão ele não falava com a gente direito.

- Mas agora podemos ser amigos?
- Sim. Foi sua resposta. Esse dia foi emocionante...
Isso aconteceu na minha escola.



LEERS

LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL



PALAVRA DOCENTE LITERATURA DE INFORMAÇÃO

Rodrigo Nóbrega Martins

A Literatura de Informação, segmento do Quinhentismo, é a denominação que se atribui às manifestações literárias ocorridas em território brasileiro durante o século XVI. Iniciou-se no Brasil e durou formalmente, de 1500 a 1601.

Tal nomeação – Literatura de Informação – se justifica pelo fato de que os recém-chegados produziam documentos escritos no intuito de informar à colônia tudo que fosse relevante sobre a terra recém-descoberta.

Assim, a literatura de informação do Brasil, não pode ser considerada uma amostra de literatura brasileira, tendo em vista o fato de que ela foi produzida por estrangeiros, mas uma literatura documental sobre o Brasil. Devido ao seu caráter meramente descritivo, os escritos foram classificados como documentos, sejam eles de caráter oficial ou extraoficial.

Considera-se como documento símbolo e inaugural deste período literário luso-brasileiro, a Carta de Achamento do Brasil, de autoria do português Pero Vaz de Caminha, que oficializou essas manifestações em solo brasileiro. Destacam-se, neste acervo, os relatos que dão conta das belezas da terra descoberta, o que em muito contribuiu para que o colonizador se sentisse maravilhado, fatos esses expressivamente demarcados na própria carta, datada de 1º de maio de 1500, pouco tempo depois da chegada dos portugueses.



**A LITERATURA DE INFORMAÇÃO, SEGMENTO DO
QUINHENTISMO, É A DENOMINAÇÃO QUE SE ATRIBUI ÀS
MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS OCORRIDAS EM
TERRITÓRIO BRASILEIRO DURANTE O SÉCULO XVI.
INICIOU-SE NO BRASIL E DUROU DE 1500 A 1601.**



Características gerais

A exaltação da terra brasileira, exótica e exuberante seria sua principal característica, marcada pelos adjetivos, quase sempre empregados no superlativo. Essa exaltação do Brasil seria a principal semente do sentimento nativista, que ganharia força no século XVII, durante as primeiras manifestações contra a Metrópole.

O Quinhentismo tem, como tema central, os próprios objetivos da expansão marítima: a conquista material, relacionada com as Grandes Navegações, e a conquista espiritual, resultante da política portuguesa.

Os textos da literatura de informação baseavam-se nos padrões estéticos medievais, nas chamadas crônicas de viagem, como também eram chamados os textos que relatavam grandes expedições.

Os textos foram lidos e divulgados principalmente na Espanha e em Portugal, para satisfazer a curiosidade dos europeus sobre a nova terra. Nas obras era evidente a opinião do autor, sempre achando que a nova colônia representava uma grande fonte de lucro para os cofres portugueses. Registram ainda o impacto da nova terra sobre o europeu descobridor ou observador.

O valor literário dos textos desse período não é tão salientado quanto o valor histórico. Tais textos fornecem aos leitores o retrato do Brasil daquela época, em particular a impressão dos colonizadores quanto à natureza e o clima tropical brasileiro. Além destes, há também o primeiro contato do europeu com os nativos indígenas locais, retratando-os. Advém daí inúmeras obras de arte... O principal representante deste período foi Pero Vaz de Caminha. A carta de sua autoria pode ser considerada, dessa forma, um especial documento sobre como era o Brasil de então. Houve, naturalmente, outros cronistas, porém com temáticas quase idênticas entre si...



Pero Vaz de Caminha.

Pero Vaz de Caminha (Porto, 1450 – Calicute, 15 de Dezembro de 1500), às vezes popularmente chamado de Pedro Vaz de Caminha, foi um fidalgo português que se notabilizou nas funções de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. Letrado, Caminha desempenhou vários cargos governamentais para os quais, precisava-se exercitar e desenvolver o conhecimento da escrita, distinguindo-se a serviço dos monarcas. Teria participado da batalha de Toro (2 de Março de 1475). Em 1476 herdou do pai o cargo de mestre da balança da Casa da Moeda, um cargo equivalente ao de escrivão e tesoureiro, posição de responsabilidade em sua época. Em 1497 foi escolhido para redigir, na qualidade de Vereador, os Capítulos da Câmara Municipal do Porto, a serem apresentados às Cortes de Lisboa. Afirma-se que D. Manuel I, que o nomeou para o cargo no Porto, lhe tinha afeição. Em 1500, foi nomeado escrivão da feitoria a ser erguida em Calicute, cidade na Índia, razão pela qual se encontrava junto de Pedro Álvares Cabral em Abril daquele mesmo ano, quando a mesma descobriu o Brasil. Tradicionalmente aceita-se que Caminha faleceu em um combate durante o ataque muçulmano à feitoria de Calicute, em construção, no 16 ou 17 de dezembro de 1500. Caminha desposou D. Catarina Vaz, com quem teve, pelo menos, uma filha, Isabel de Caminha.

Consulta feita por Fátima Eliane Silva de Souza, oitavo ano.



DESCRIÇÕES PICTOGRÁFICAS *HANS STADEN*

O alemão Hans Staden foi um aventureiro, mercenário e ilustrador alemão do século XVI. Por duas vezes, Staden esteve no Brasil, onde participou de alguns combates, tendo oportunidade de registrar pictoricamente cenas da época da literatura de informação. Dentre seus registros mais famosos está a ilustração acima, na qual Staden (de barba, ao fundo) observa os índios tupinambás praticando antropofagia, em uma aldeia situada entre Bertioga e Rio de Janeiro. De volta à Alemanha, Staden escreveu "História verdadeira e descrição...", um relato de suas viagens ao Brasil que se tornou um grande sucesso da época.

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO!

Acreditamos na sua palavra.



Diga NÃO ao bullying!

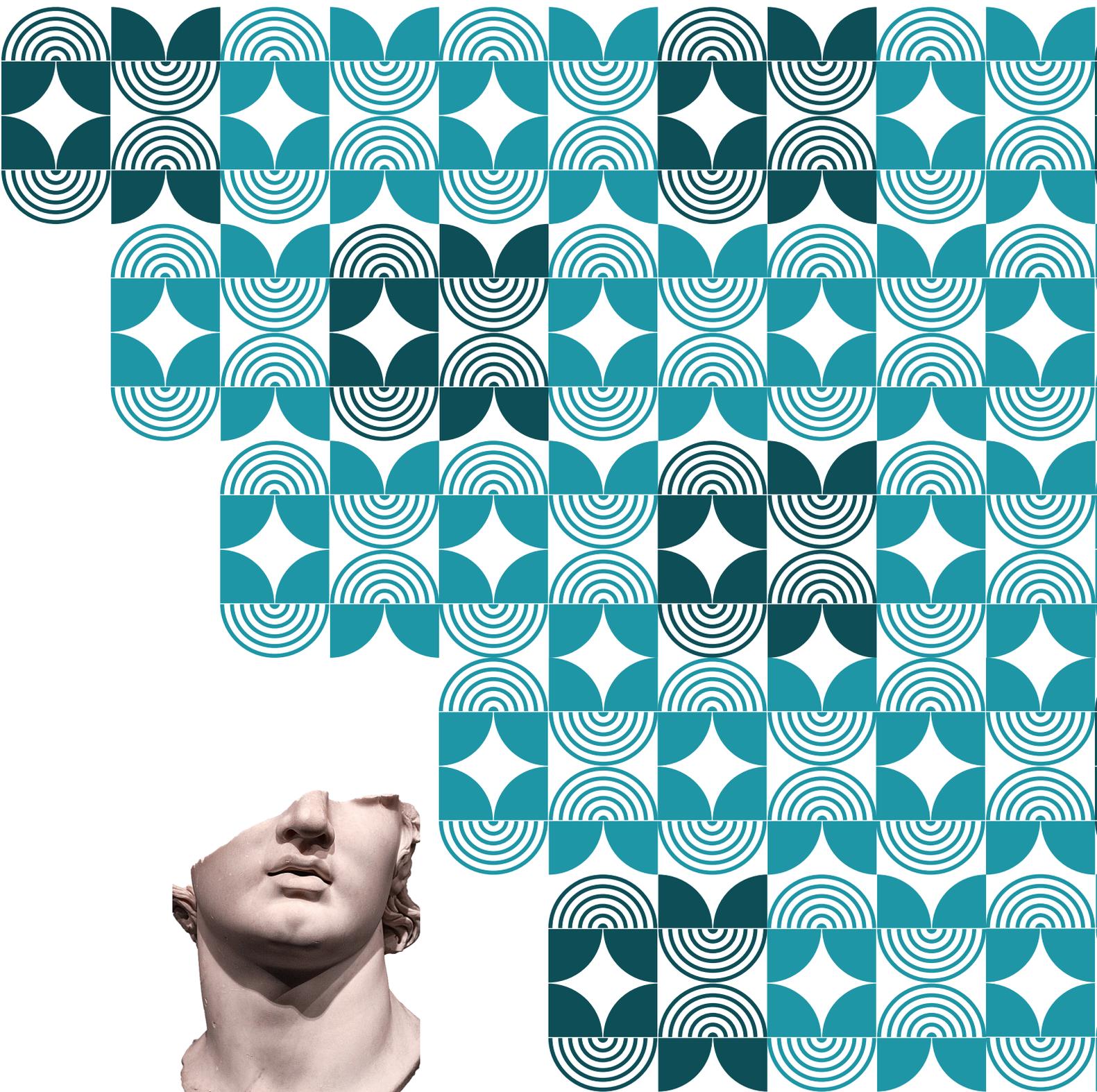
#todoscontraobullying

Já pensou em publicar seus contos?

**BIBLIOTECA
DIGITAL DE
CONTOS
ESTUDANTIS
RACHEL DE
QUEIROZ**

Acesse www.bibliodigital.com.br

A+



Revista Juno

Nós acreditamos numa educação pública laica, universal,
de qualidade.



LETRS
LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL